

SIM

VOCÊ ACHA POSITIVO O GOVERNO

Solidariedade: uma palavra vazia ausente a ação

Ricardo Seitenfus

Doutor em Relações Internacionais, Professor Titular na UFSM. Foi Enviado Especial do governo brasileiro ao Haiti.

A participação brasileira na Missão de estabilização no Haiti ao lado de outros 42 países responde à realidade política, à legalidade jurídica, à legitimidade solidária e às exigências éticas e morais.

A Missão foi solicitada pelo atual Governo Provisório do Haiti e confirmada sua continuidade por René Préval (Presidente eleito no primeiro turno, resalte-se), quando de sua recente viagem ao Brasil. Por sinal, o maior objetivo da viagem de Préval foi o de agradecer a contribuição brasileira à pacificação da vida política haitiana. Além disso, ela ocorre sob os auspícios das Nações Unidas onde foi aprovada por unanimidade no Conselho de Segurança. Portanto, qualquer alusão que venha comparar a crise haitiana com outros conflitos que viscejam à margem do Direito e das Nações Unidas (caso da vergonhosa pirataria moderna praticada no Iraque) demonstra profundo desconhecimento ou/e má-fé.

Desde 1945 ocorreram mais de duzentos conflitos, entre guerras civis e internacionais. Ora, 90% destas guerras tiveram como palco os países do Terceiro Mundo. Todavia, as intervenções tendendo colocar um freio a estas hecatombes resultaram de ações dos países industrializados. Muitas vezes, quando não ocorreu nenhuma mediação, o conflito degenerou e transformou-se em genocídio, caso de Ruanda. Por sinal sugiro que os leitores assistam ao filme "Hotel Ruanda", esclarecedor e terrível testemunho da indiferença frente ao massacre de populações civis inocentes. Portanto, é do interesse dos países do Sul criar uma metodologia de mediação de conflitos que responda às nossas necessidades. É neste laboratório que transformou-se o Haiti. Caso demonstrarmos irresponsabilidade frente aos nossos próprios problemas, outros com



"Não temos o direito de sermos indiferentes com o sofrimento do povo haitiano"

seus próprios métodos tais como os Marines e a Legião Estrangeira, encarregar-se-ão de fazê-lo com os pífios resultados e as terríveis consequências que conhecemos.

Mas é igualmente uma mediação que ostenta límpida legitimidade. É implementada preponderantemente pelas jo-

vens democracias latino-americanas com o objetivo primeiro de oportunizar ao povo haitiano a livre escolha de seus dirigentes, como o fez na memorável jornada de 7 de fevereiro. Ou os críticos ao apoio brasileiro pensam que o Haiti deve permanecer sob o jugo da ditadura?

Defendem eles a idéia que a pobreza material impede o exercício da democracia? Ao fazê-lo esquecem que é justamente a democracia representativa e participativa que permitirá a implementação de projetos que trarão o desenvolvimento social e econômico com a consequente diminuição das gritantes desigualdades.

Finalmente, trata-se de uma obrigação moral e ética. Apesar de ser a segunda sociedade a conquistar a independência política nas Américas (1804), o Haiti somente conheceu a ditadura personalista e o subdesenvolvimento ao longo de sua história. A miséria material da imensa maioria dos haitianos a contrastar com sua extraordinária riqueza cultural é agravada pela luta política que sempre desembocou em regimes sanguinários. Não temos o direito de sermos indiferentes com o sofrimento do povo haitiano. Ao contrário. Temos o dever de demonstrar uma solidariedade ativa que não se satisfaz com vazias palavras, mas que alimenta-se de atos concretos.

Há uma parte de supostos intelectuais que apresentam-se, oh ironia! como progressistas que criticam as intervenções de caráter humanitário. Logo os déspotas de plantão cometem seus crimes e estes mesmos supostos intelectuais criticam a inação da comunidade internacional. Ou seja, são os profissionais da crítica vazia e inconsistente. São os verdadeiros porta-vozes do "espírito de porco" da pós-modernidade como bem denunciou Contardo Calligaris em artigo na *Folha de S. Paulo*. No caso do Haiti eles são os aliados objetivos dos ditadores e do crime organizado que estava tentando controlar o país. Aconselho que estes críticos busquem outras companhias. E, enfim, não transformem o drama de um povo irmão em utensílio da batalha eleitoral que se aproxima.